

FRENTE LITERÁRIA

DIRETOR RESPONSÁVEL — AFRÂNIO VIEIRA
COORDENAÇÃO GERAL — JOEL ABDALA

Suplemento nº 1 | Cachoeira Paulista, outubro de 1968

Ano I

Editorial de Apresentação

Surge uma idéia. Dá-se-lhe forma em imagens e palavras mentais. Depois, analisando as dificuldades e procurando transpô-las, vê-se nascer com aleijão natural aquilo que foi gerado e esboçado algum tempo em estado de sonho.

Podemos dizer que trememos de emoção em apresentar ao público leitor de FRENTE, um suplemento literário.

FRENTE LITERÁRIA é de âmbito valeparaibano e che-

ga para revelar todos os novos que iniciam os passos em ciência e arte literária. De mil modos diversos o homem busca a ciência e a arte, ainda quando estas se resistam do simplismo folclórico. Quem já visitou exposições de arte popular conhece o público que é artista sempre e ao seu modo.

Eis o nosso suplemento. Muita luta, sim, das lutas movidas pela vontade paga de haver servido.

A Redação

“1911”

Régis de Moraes

Na estação dos trens de Guaratinguetá, todos procuravam ver minha filha. Não preciso de qualquer esforço para acordar na memória o quele 23 de maio de 1911. Muito ao contrário, tenho é que contar lembranças tão cotidianas, desde a infância, os borbores de sangue estralavam na branca siadura que aprofundava a cabeceira da minha criança.

Dorinha, minha querida, tão sofredora aos onze anos de idade, dormitava sua dor e um tanto de cansaço estudando no banco de madeira e amparada pelo colo da mãe. Moço e muito forte, consegui suportar a carga de tanto sono e velava pela menina, enquanto Trude passava por leve madrinha. Duas semanas estivevamos lidando o sofrimento de nossa filha e Trude começava a não mais resistir ao desgosto.

Esperávamos o trem que nos desse de volta aos cômodos do casarão da boa chácara de Cachoeira Paulista.

— Olá, Alexandre! — ouvi perto está voz familiar — o que o traz a estas bandas?

Era confortador topar um conhecido.

— Men bom Vasconcelos! estou aqui lutando. A menina não anda boa...

Lembro-me bem claro de Trude acomodando melhor a cabeça da criança e completando:

— Dorinha foi operada ontem, seu Vasconcelos! Uma terrível dor de cabeça.

Quase ajoelhado, o homem se chegava para ver de mais perto a natureza.

— Cotidiana!

Era a docecentésima vez que eu ouvia «cotidiana». Achava ainda pouco. A compaixão do mundo não era bastante para com as dores da criança. Hoje em dia as anestesias são boas e creio que não se opera mais com martelo e formão.

— Isto não é «formão» meu senhor! — advertiu-me o médico quando me revoltéi, na sala de operações.

Mas o como compelição que éle me quis ensinar era só uma vaidade, um jeito de enobrecer o seu formão.

— Melhor que eu esteja a-

qui, — situou o Vasconcelos — assim posso ajudá-lo no que precisarem.

Agradei, mas meu amigo não respondeu.

O trem entrava, num estalido, junto à plataforma. Chegava o vovô de fumo que a locomotiva largava em seu cansaço.

Aos poucos nós, os homens, ajoelhados Trude e a menina num lance do coubeio, onde os gemidos cresceram a criança agitada e eram compensados pelo carinho da mãe. E estávamos parados olhando o claro da manhã, o companheiro de olhos postos sobre o Parati, eu olhando a estação e o amargor que vinha da cidade, mesmo à grande festa daquele sol que tudo lambia.

Contra o prédio longo, que era pintado meio em rosa e tinha uma porção de janelas, os uniformes escuros dos ferroviários faziam contraste.

— Água! — gemeu a vozinha — quero água! água!

Dorinha suspira e vi-lhe se- cos os lábios.

— Eu vou buscar água — disse-se Vasconcelos.

— Pode deixar! — agradei — arranjo ali na casa do agente.

— Mas se o trem sei, meu Deus! — Trude estava arregalada.

— Vasconcelos e eu falamos ao mesmo tempo:

— Eu vou ligeiro!

Bem acolhi a companhia.

— Então vamos, não se per- de tempo.

Lá fora do trem, enquanto fomos rapidamente, eu ainda comentei que jamais deixaria com sede a pobrezinha, que já bastava de sofrer.

Vasconcelos meteu-se casa do agente a dentro feito um familiar. Eu hesitava à porta com descompasso no coração ao pressentir que o trem se punha de partida e era penoso a aquele instante.

Quêi dois apitos. O amigo não vinha. Foi quando o trem largou, num tranco comum das velhas vigens. De nada valeu nossa correria para alcançar a cauda da composição que romava — um inferno! — e tinha só dois braços, que eram os da Trude em desespero.

— Alexandre! — exclamou meu bom amigo, com a caneca vazia na mão.

Olhei o chão. Olhei Vasconcelos.

— Água entornou! — balbuciei.

— E agora? não há mais trem, pois não?

— Não há!

Era a tortura. Portoso disse: «não há». Depois pensei: «flor e pude lembrar que outro comboio viria de São Paulo às oito da noite.

— Mas às oito, Alexandre, e como você vai esperar...? Ainda esgarçadas as idéias pude ver, ao consultar o relógio de bolso, que dez desgraçadas horas nos separavam do trem da noite.

Al Vasconcelos já se recuperava e veio em meu socorro.

— O tempo passa voando, Sante! — com um sorriso enfeijado ele me alagava o coração usando o apêlido que tenho em família.

— Passa ligeiro! é só não ficar matutando em cima do relógio.

— Meu Deus, até isto aconteceu! até isto, minha Virgem! — Vamos devolver a caneca do agente.

Do impacto ainda me restava leveza.

— É Vamos sim.

Era um tempo miserável, sem remédios e sem automóveis, quando todo mundo andava de roupa de brim, quando julgavam mais as futilidades, apesar de ser a terra mais bonita e as árvores e passarinhos e plantações cantarem na paisagem.

O relógio nem ligava. Havia um homem sofrendo? pois eram só dez e meia.

— Arrebento, Vasconcelos. Não aguento os nervos.

— Mas as passagens não estavam com Dona Gertrudes?

— Ah! não só as passagens. Também minha criança.

— Vi-se no semblante que Vasconcelos procurava coisas pra me dizer. Aos poucos ele também foi perdendo a paciência mas queria convencer-me assim mesmo:

— Não adianta enervar-se, Alexandre!

— A cotidã foi com sede.

— Mas Cachoeira não é tão longe...

Meu companheiro mal subjugava o desespero e eu nem sabia que alguém pudesse sentir a dor que eu tinha. A hora do almoço trocamos conselhos:

— Não quero também.

E tão pouco aceitamos o convite da mulher do agente a que fossemos comer um almoçoinho que ela prepararia.

— Vamos à cidade, Sante?

— Deus me livre.

— Mas homem...

— Daqui já me sinto sufocar por esta terra do diabo!

só Deus sabe o que enfrentei nesses dias.

— Mas não se sofre apenas aqui. Nada vale meter a cabeça na cidade, dos seus dramas.

— Vá passear, Vasconcelos. Eu não vou — Arranquei do bolso o relógio — Horas vida!

O COLECIONADOR

Maria Aparecida Rodrigues

Era uma vez um homem... Um homem sem nome. Coleccionava borboletas. Aparelmente nada de extraordinário. Talvez nem ele próprio soubesse, mas cada borboleta simbolizava um amigo que ele gostaria de ter tido e que lhe fechava as portas da comunicação. Todos, desde os colegas de trabalho, que em nada eram melhores do que ele e, no entanto o escaracelavam, até os grandes filhos da fortuna, os que possuíam refeitório social, cultura, aplausos, acolhida. Estavam ali, espetados em alfinetes, impotentes para recusar o seu amor.

Mas o desejo de perfeição o impelia a tentar uma façanha inédita: condicionar a borboleta-rija. Imaginem! Não precisava matá-la, para que ela não fugisse. Ele a conquistaria pelo amor. Faria todas as suas vontades. Seria seu escravo. Ela haveria de compreender que ele não queria molestá-la. Acabaria por aceitar sua proteção.

Meticulosamente, planejou a sua última caçada. Estudou a borboleta que o interessava nos mínimos detalhes. Era perfeita: um tanto rija, bonita, inteligente, culta. Não lhe foi difícil executar o plano. Tudo estava preparado para recebê-la.

Quando deu o nó do nó, a pobre borboleta estava trancada a sete chaves da adaptação. Atrancado voou às tonas pelo cômodo. Não encontrando saída, deixou-se ficar imóvel.

De súbito, e-l-o que surge o seu inimigo. Tenta fugir da sua fúria assassina, mas percebe que suas atitudes são pacíficas. É gentil, deladoado, subversivo até. A borboleta, no entanto, não estava disposta a confiar nas suas nobres intenções.

Não era tão fácil como pensara o coleccionador. A sua valiosa presa não se submetia. Debatia-se, tentava fugir. Não entendia a sua linguagem plana. O coleccionador era paciente. Acreditava na força do amor. Mas o método era mais forte. E o método matou. Desesperado, o coleccionador tentou salvá-la. A sua própria vida dependia desse êxito. Não podia perdê-la. Em vão. A borboleta morta, o coleccionador fracassado. A vida impotente ante a ironia do nada.

A nossa vida é assim. Dominada pelo método. Por isso não há amor. O método elimina o amor, mas o amor, por mais profundo, não consegue eliminar o método. O mundo agoniza lentamente, corroído por esse sentimento irracional. E nada se pode fazer para salvá-lo.

No princípio era o Método, e o Método se fez Ódio e habitou entre nós.

são onze e quarenta.

Malditos algarismos romanos! impiedosos diante da minha dor estrangeira!

Lembro-me que o conterrâneo largou-me e foi sequestrar lá na ponta da garra, talvez pra esconder a agonia que o solapava também. De vez em quando algumas pessoas vinham à estação; no geral eram comerciantes despachando e recebendo carga. Alguns me olhavam e até com certa insistência, após prosa miúda com o agente. Eu devia parecer um doido e por isso mesmo as gentes pouco me interessavam, a não ser um vendedor de passarinhos que por lá chegou. Um menino estafado de quem me ficaram grudados na alma os olhos verdes do triste semblante e o canto pungente das aves.

— Comprar canário?

Comprei-lhe sim. Depois vi o bichinho sóto ganhar o sol. O brio não deixava mas eu queria chorar, pois eram só três da tarde e passei as mãos nos olhos.

O caminho me chamava e fui.

— O que é que você quer aqui, Alexandre? — minha sombra se introneteu.

— Olhe, Vasconcelos, eu não sei o que quero. Ficar sozinho eu falar água, não sei! Deixei-me de basileias, meu caro, você está exagerando.

— Não estou coisa nenhuma.

A cólera absurda me empolgava. Vasconcelos tomou-me pelos ombros olhando-me o fundo dos olhos a repetição:

— você está exagerando.

Agora há pouco me disse que a menina está...

— Era mentira!

— Como?

— Ela não está fora de perigo.

Quería ser o menino dos passarinhos para poder chorar.

— Alexandre... mas porque você mentiu?

O sol me pisou forte os miolos.

— Vá pro inferno! — gritei — menti e misto. Menti pra você, pra Trude, menti pra mim e misto pra mundo inteiro!

Vi, então, nos olhos comovidos do amigo que eu estava chorando; e senti muita vergonha. Ele não me falou mais nada. Estive, todavia, junto de mim a margem do rio até o anoitecer e cada gesto meu punha o em sobressalto.

Em cima do borlão o trem chegou, e, assim, havíamos vencido a secular aventura.

Vasconcelos era um cadáver, branco de cansaço, cabelos em mistura. A luz do trem aqui, Alexandre? — minha quase nenhuma claridade.

Só agora, passados mais de cinquenta anos, sinto-me feliz por haver chegado bem depois, que se chegou junto com a morte — coisa vã — a meter-me a disputar com ela a presa.

Meu pé de Laranja Lima

J. A.

Zezé era pobre, um menino loiro cuja principal distração eram suas travessuras. Conhecido por toda a vizinhança como «aquela peste do menino do seu Paulo», passou por mais pedações. Criou um mundo de fantasias para compensar suas pequenas frustrações (como os natais em que «o menino deus não vinha»); Luciano, o morcego; Xaruruca, o pé de laranja lima, amigo e confidente; os astros do cinema que viviam ao seu lado com seus cavalos, estrelas de tela e botões de espigas de prata. A morte do Paulo, o grande amigo de Zezé, quebra qualquer coisa dentro dele. «De pedaço em pedaço, nasceram ternura e amizade entre os dois. Aos seis anos, Zezé, privado do amigo, aos seis anos perde seu mundo de fantasia e transforma-se num menino solitário.

«ROSINHA, MINHA CARNÃO» traz à tona o mundo da ternura até então reconstruído em José Mauro de Vasconcelos. Zezé Orecó, aparentemente louco, nada mais é que um Zezé adulto, um homem simples que perdeu o filho, o objeto da sua ternura — «comunga com a natureza, vê o espírito das coisas. Zezé, muito criança, escuta-se do mundo, dos homens. Zezé Orecó também é descrente do ser humano.

humano, o ambiente em que vive recebe dela todo o seu amor pela vida. Quando colocado no hospício para ser curado de sua «loucura», Zezé Orecó é acometido da mesma solidão em que ficou Zezé quando da morte do Paulo. Entre as estrelas, as árvores e o rio Araguaia, Zezé Orecó não está sozinho. Sua companheira Rosinha tem a personalidade do companheiro ideal, do grande amigo (do Paulo).

É o mundo fantástico que José Mauro criou quando criança, retorna com Rosinha, Calamantã e Rosinha.

Zé Orecó inocente, ingênuo, o homem em contato com a natureza. Aqui a inocência do menino Zezé que, sem o menor constrangimento, sai de um vocabulário condado de palavras «grandes» e traía canções às mais sensuais.

Zezé desilude-se dos adultos que não o compreendem. O Paulo, o amigo pleno, estava morto.

Zé Orecó não se adapta à vida da cidade — os homens são indómitos para ele. Quando volta para o Araguaia, ele não consegue ao reencontrá-lo em seu ambiente.

— «Graças a Deus que sou louco da nova. Obrigado, Chico».

GUARATINGUETÁ NO FESTIVAL DE TEATRO

Savério e M. Barbosa

O Grupo de Teatro Amador GRUTA, da cidade de Guaratinguetá, alcançou grande sucesso, sábado passado, em sua apresentação no Festival de Teatro que o Departamento Cultural da UCA está promovendo.

Excelente conteúdo, ótima representação, espetacular parte musical, perfeita parte técnica, e foi a que mais sucesso marcou, e de maior público, maior comunicabilidade e agrado aos presentes.

A peça apresentou-nos, por meio de diálogos com a humanidade, uma nova visão de Cristo, desmistificado, um Cristo homem e de braços dados à todos seus irmãos. Um Cristo irmão, atuante na luta por justiça e fraternidade, pela humanização do mundo. Não uma divindade inatingível, mas um grande espírito, um grande condutor de homens, para o sentido filosófico e humano do Cristianismo, do verdadeiro Cristianismo.

Ao final, as palmas entusiasticamente ressoaram na Congregação Mariana, que viveu um de seus grandes dias dos últimos tempos.

O público, de pé, saudou vibrantemente o grupo e acertou-se nova apresentação no Clube Literário.

Fiz-se notícia a presença de uma verdadeira caravana de Guarã, no louvável ato de prestar seu fervoroso apoio aos jovens, que deram realmente nova face ao Festival.

O GRUTA apresentou-se assim: peça «Trilogia», da obra de Michel Quoiat, adaptada por Ivam Brando — direção — Célia Regina Nunes — direção musical — Tinho direção técnica — Ligia Porto — atores na arena — Teresa Loureiro, Glaura Souza, Célia Nunes, Cristina Vieira, Eliana Mollica, Oswaldo Luis, Cora — Elizabeth Monteiro, Eliana Rangel, Marize Cunha, Cristina Moia, Sônia Del Vigna, Luis Antônio Ottoni, Maria Amália Araújo, Rosane Miranda, Rosely.

técnica — Ligia Porto, Gaspar Campos. Parabéns Guaratinguetá! Parabéns GRUTA!

ENGRAÇADO

V. T.

Não sei se estou alegre ou triste.
Se alegre acho que devia estar triste
Se estou triste devia estar alegre.
Se penso — aborreço-me
Se não penso — devia pensar.
Enfim, pensar... pensar.
Pensar em que,
se não tenho o que pensar

Parábola

O Lírio do Pântano e as Flores do Canteiro de Deus

Ivo Severino

Numa manhã de setembro, quando o ipê se cobria de flores frágeis e amarelas; quando as hortênsias e miosótidas dançavam ao sabor de uma brisa cálida, espargindo seus doces aromas pelas campinas entrelaçadas de margaridas e fúrfur de pequenos pláteis, — aconteceu algo de estranho.

Do outro lado, contrastando com a beleza perfumada dos campos, havia um feto e negro pântano, cheio de árvores

secas e retorcidas pelo tempo. Animais asquerosos rondavam suas águas barrentas e pútridas.

Mas nessa manhã o belo aconteceu no pântano.

Quando os primeiros raios de sol iluminaram suas águas escuras, no meio da folhagem verde escura apareceu uma florzinha de pétalas brancas e frágeis — o lírio do pântano. Em sua inocência casta, ela sorria quando um asqueroso sapo tragava uma mosca ou quando o cruel crocodilo dilacerava uma vítima.

Um dia porém, cansada de ver tanta tragédia, ela voltou para o verde campo que circundava seu lar. Mas raiou-se com a beleza que nela a natureza implantara.

Viu ela então o que era o bem e o mal, vendo que esta plantada no meio do dilúvio, resolheu desprender-se de sua haste e prender-se a uma roseira perfumada ou a uma

veleira colorida. De lá, pensando em poder só enorgulhar o bem e a bondade nas criaturas que imaginava existir nas colinas, que Deus, seu criador, havia criado.

Levada por este ideal, a branca florzinha resistiu à força da natureza, desprendeuse de sua escora até jogando-se nas águas pútridas e barrentas do pântano.

Ao procurar atingir as margens do pântano, a inocente criatura não notou que suas brancas pétalas se haviam enlaidado com o imenso «Jardim do Senhor».

Encontrando um colorido craveiro tratou logo de alisar-se entre seus ramos perfumados. Mas o craveiro, ao notar a presença daquele ser sujo e odoroso, não se preocupou de olhá-la em seu interior, tratou logo de expulsá-la dizendo:

— Sai de meus ramos perfumados, flor do mal e do pecado, tu me manchas as puras flores!

Jogada ao solo a pobre florzinha sofreu e chorou a sua primeira desilusão.

Depois de longo tempo, esquecida na terra fôta dos canteiros, resolveu a pobre criatura a tornar em sua busca pelo amor e compreensão.

Sem ser vista colocou-se entre as ramagens perfumadas de um pé de lírio do campo. Este ao notar sua presença logo a afitou ao chão dizendo:

— Sai de mim, vil criatura! Não vês que me ofusca tua

cór suja? Eu, que o Senhor disse me trajar com mais firmeza que a Salomão?

Mais uma vez a pobre criatura zinzinha chorou copiosamente e desprizou que as outras flores lhe davam, não entendendo o porque daquilo tudo.

Viveu ela muito tempo misturada no meio das folhas secas e sem vida do canteiro, à espera de migalhas que por ventura caíam das ramagens elegantes das belas flores.

Estando um dia a conjecturar sua triste sina, escutou dizer que não muito longe dali havia um canteiro onde se cultivavam «flores para o Senhor».

Rafletu e chegou a essas decisões.

— Eu vou até lá e peço a essas flores bondosas que me aceitem entre elas, o que por certo o farão, pois dizem ser flores caridosas que um jardineiro cultiva e oferece a um senhor bondoso, que as coloca em um jarro do seu reino no céu. Lá encontrarei a bondade e o amor que tanto procuro entre as flores da Terra, e talvez um dia, quando o Senhor passar para colher estas flores, também me leve para enfeitar o seu reino no céu.

Para lá partiu a triste florzinha com a alma cheia de esperança de encontrar o amor e a bondade.

Lá chegando, deslumbrou-se com o que viu. Flores de todos os matizes e formas enfeitavam o imenso «Jardim do Senhor».

De início percorreu pelos floridos caminhos, alheia à sua triste aparência.

Todos a cumprimentavam, porém ao verem sua cor exterior disfarçavam e se punham a conversar entre si, disfarçando um «disfarço» preconcito. «Elas eram puras demais para darem atenção a uma florzinha qualquer, ainda mais aquela, ela vinha do pântano».

A pobrezinha já começava a chorar e suas lágrimas caíam em suas pétalas, limpando-as, deixando aparecer o seu interior branco e perfumado.

Busco comodidade Para o embalo da vida. Nada me alegria, nada me entristecia. Tudo está bom, nada me aflige. Amanhece. Trabalho. Trabalho. Anotece. Não estudo. Estudo. Talvez Bem, não importa, o talvez diz tudo. Falam bem. Chamam-me amiga - Não sei o que penso - verdade - mentira? Falam mal - que posso fazer? Chorar - não resolve. Defender seria acusar. Deixo pensar. Amanhá? Amanhá.

Um copo-de-leite ao vá-lão triste, condeou-se e chegou perto dela.

— Por que choras pequena flor? Que mal te fez o mundo?

— Ah! meu amigo, as feras que o mundo germinou só males me causaram. Vivi até hoje a bater de porta em porta a mendigar o amor e a bondade, mas ao invés de as receber só vi portas para mim se cerrarem, só escutei vozes a me dizerem: «Vai! Vai daqui alma pecadora, vai para onde é teu lugar, não te queremos a manchar nossa pureza»!

— Não choras branca florzinha, eu sei que tu também tens a beleza e o amor que o Senhor tanto admira. Vem e fica comigo, eu te darei o amor e a bondade que tanto suplicas e que lhe negaram!

Viveu esse enlevo de felicidade a pobre criatura, chegando mesmo a esquecer os males que havia sofrido.

Um dia porém, o jardineiro que cuidava das «flores do Senhor» ao passar pelo canteiro onde se encontravam os dois, indignou-se com a presença daquela criatura, extremamente suja, no meio da brancura de suas flores dadas.

Apanhando um bastão desadagou a pobrezinha atirando-a pelo vão do desespero e da angústia.

O copo-de-leite indignado viu as partes despedaçadas da florzinha serem levadas pelo impetuoso vento. E do meio do turbilhão de ventos ouvia a voz fraca e tãne da florzinha que dizia:

— Vós meus bom amigo, nem mesmo entre as «flores do Senhor» eu pude encontrar guarida, o jardineiro despedaçou a minha última ilusão de que no mundo ainda existisse bondade e amor. Arrancado-me de sua presença, arrancou a minha esperança de que quando o Senhor viesse me colher, colhesse a mim também.

— Adeus meu amigo e me faça um último favor: — Quando o «Senhor de amor e bondade» passar para as «flores do Senhor», peça-me para passar também pelo pântano, pois lá, entre lágrimas e sofrimento o espera uma florzinha branca e camбалada, mas que o ama acima de tudo, pois meu amigo disse-lhe:

— «Que também no lodo do pântano nascem flores brancas, que poderão ornar o seu Reino no Céu».

MUDANÇA

V. T.

Busco comodidade Para o embalo da vida. Nada me alegria, nada me entristecia. Tudo está bom, nada me aflige. Amanhece. Trabalho. Trabalho. Anotece. Não estudo. Estudo. Talvez Bem, não importa, o talvez diz tudo. Falam bem. Chamam-me amiga - Não sei o que penso - verdade - mentira? Falam mal - que posso fazer? Chorar - não resolve. Defender seria acusar. Deixo pensar. Amanhá? Amanhá.